

A FUNDAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Francisco António Lourenço Vaz

Departamento de História e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência

Universidade de Évora

Fvaz@uevora.pt

A biblioteca como espaço público, ou seja, como local frequentado por categorias sociais diversas e incluindo os grupos populares, é uma invenção do século das Luzes. A abertura de bibliotecas ao público, bem como a sua multiplicação, integra-se no contexto cultural de finais do século XVIII, marcado pelo acesso aos livros por um público cada vez mais ávido de leituras e de notícias, a ponto de se poder falar de uma revolução da leitura¹. Neste domínio D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas, que ao longo da vida revelou um interesse indiscutível pelos livros e bibliotecas, constitui um paradigma do homem das Luzes preocupado em difundir o saber e as ciências pelo maior número dos seus concidadãos. Com efeito, o Arcebispo de Évora é um dos primeiros a deixar bem expresso que as bibliotecas só fazem sentido a partir do momento que os seus fundos bibliográficos sejam úteis e de fácil acesso para o público e, por isso, insurge-se contra aqueles que fecham ou aferrolham os livros, que os colecionam por mera curiosidade e os escondem do público, porque se todos tivessem usado desta avareza bibliófila, então as artes e ciências não teriam progredido. São estas ideias que deixou bem vincadas numa das suas primeiras obras, as *Disposições do Superior Provincial*, destinadas a dar instruções para reforma dos estudos da Terceira Ordem de S. Francisco:

Devo porém lembrar as Bibliotecas bem instruídas para encher-se o fim das Composições Literárias, qual é o servirem ao público. Se a sofreguidão avarenta, ou a curiosidade estúpida, retivesse o Manuscrito raro: Se a generosidade não convocasse os Curiosos a desfrutar os Tesouros da Sabedoria, expondo-os nos Livros dificultosos de achar, ou pela sua raridade, ou pela impossibilidade dos que os desejam ter; se o partido das Letras, digo, deixasse de gozar desta espécie de protecção, não observaríamos estar tão adiantada a sua causa, e careceria de um adjutório, que lhe é essencial. Porém não somente admiramos esta

¹ - DARNTON 1994 e 2000; CHARTIER 1999, p. 289.

decoração de Bibliotecas públicas no Palácio da Sabedoria. Inumeráveis particulares de todos os estados não deixam neste ponto que reclamar ao ouro a destinação para o bom uso. Quem pode ter o nome de erudito, carecendo deste estímulo, e deste auxílio para saber? Se há quem não frequente as bibliotecas, ou podendo, não as tenha bem instruídas, destes é que se diz, que repetem sem desculpa a infelicidade dos séculos atrasados².

Não se trata apenas de um mero bibliófilo ou coleccionador, preocupado em aumentar continuamente o seu espólio, esta é sem dúvida uma faceta importante, mas, como filho de um século ilustrado e racionalista, Cenáculo defende a difusão da luz da ciência de modo a melhorar a vida dos homens, ou a promover a « felicidade pública». Ora os repositórios do saber e da ciência são os livros, é neles que se depositam os progressos em todos os domínios e com a sua leitura podem os homens instruir-se. Pelo que há, também aqui, e como está documentado na citação transcrita, um bom e mau uso dos livros: os que os aferrolham, usam-nos mal, são como o avarento que amontoa riquezas impedindo a sua aplicação produtiva. O bom uso dos livros passa pela colecção, mas também pela abertura de bibliotecas ao público leitor.

Estas ideias, além de se fundamentarem na consulta de bibliografia actualizada, como o *Galois Traité des plus belles Bibliothèques de l'Europe*, tiveram também como fundamento a viagem que em companhia de seu mestre, Frei Joaquim de S. José, fez a Roma no ano de 1750, como testemunha: « As famosas Bibliotecas, que se presentearam à nossa curiosidade nas Cidades eruditas da nossa passagem, levantavam milhares de ideias, que se começaram a produzir, e como o tempo ia permitindo. Dava-se lugar, entre livros que pouco mais se haveriam de ler, a obras de novo gosto»³.

1- Os primeiros anos da Biblioteca e os Estatutos

As ideias que nortearam D. Frei Manuel do Cenáculo para fundar uma Biblioteca Pública em Évora eram as que desde há muito vinha defendendo: a utilidade da instrução do clero e dos restantes diocesanos e a necessidade da biblioteca para alcançar esse fim, dando continuidade e forma ao projecto do seu antecessor. É de

² - VILLAS BOAS 1790, p. 49-50. Nas citações actualizamos a ortografia, mantendo os originais apenas nos títulos das obras.

³ - VILLAS BOAS 1795, p. 200.

elementar justiça dizer que o primeiro impulso para criar a biblioteca partiu do antecessor arcebispo de Évora, D. Frei Xavier Botelho de Lima, que em 1796 alcançou bula pontifícia e beneplácito régio, e doou a sua valiosa colecção à Livraria ⁴. É natural que Cenáculo estivesse a par desta iniciativa, pois em 1797 foi ele que substituiu o arcebispo metropolitano na sagração do Convento da Serra de Ossa e estanciou mesmo no paço episcopal eborense, onde teve um excelente acolhimento por parte de D. Xavier Botelho de Lima⁵.

Para Frei Manuel, a Biblioteca de Évora surge como corolário de toda uma vida em que a colecção e aquisição de livros, raridades, obras de arte e peças naturais foi uma constante, tendo sempre em vista criar bibliotecas e museus para instruir o maior número possível de pessoas, através da leitura e da observação de obras de arte ou da natureza. A criação de uma biblioteca pública era, portanto, o ponto mais alto de toda a sua actividade e gosto pelas colecções, tanto mais que vinha dotar a cidade de Évora, com uma instituição onde queria reunir o que considerava importante para o progresso do saber.

O Diário de Frei Manuel do Cenáculo dá conta que a fundação da Biblioteca começou com grande entusiasmo, logo no ano de 1803, quando chegou a Évora⁶. Para a biblioteca escolheu a ala ocidental do palácio episcopal, que tinha sido destinada por um dos seus antecessores para Colégio dos Meninos do Coro da Sé e que estava ligado por um passadiço ao resto do edifício, onde instalou o Museu e Galeria de Pinturas, que posteriormente seria o Museu Regional⁷. Para esse efeito procedeu-se a obras no conjunto arquitectónico que terão rondado os 6.800.000 réis⁸.

Nesta primeira fase ordenou o desmembramento dos quartos dos primitivos porcionistas e no seu âmago aparelhou uma vasta sala de leitura⁹. Sigamos os registos

⁴ - BPE Cod. CX/2-18 1800?, fls. 50-58.

⁵ - BPE, Cod. CXXIX/1-21 1794-1812, fl. 142-148.

⁶ - Eleito arcebispo em 6 de Março de 1802, Cenáculo tomou posse do cargo em 11 de Novembro de 1803. Cf. BPE, Cod. CXXIX/1-21 1794-1812, fl. 45-46.

⁷ - ESPANCA 1981-1982, p. 194-196. O Museu, segundo MACHADO 1985, p. 34, ficaria também a dever a Frei Manuel do Cenáculo a sua fundação, pelo menos no que diz respeito à sua valiosa colecção de pintura. Por outro lado, Biblioteca e Museu ficariam deste modo ligados como se fossem dois gémeos siameses, o que correspondia às ideias que desde há muito defendia Frei Manuel do Cenáculo.

⁸ - BPE, Cod. C/ 2-18, 1811-1839, fl. 1.

⁹ - Que ainda hoje serve de sala de leitura e foi melhorada pelo bibliotecário Augusto Filipe Simões. Nela se guardam 15.000 volumes. Cf. ESPANCA, ob. cit. p. 195.

que o arcebispo fez sobre o andamento das obras. Em 7 de Dezembro de 1804 escrevia: « Fui levar o painel do Senhor entre os doutores no templo e colocado na frontaria da Biblioteca, por ser orago da casa e museu»¹⁰.

Com o ano de 1805 os trabalhos prosseguiram com a preparação das estantes¹¹ e em 6 de Março, dia de aniversário da nomeação para Bispo de Beja abriram-se os primeiros caixotes de livros¹². No dia 19 desse mesmo mês, assentou-se por cima da porta da livraria o painel de Nossa Senhora¹³. Em 25 de Março, Cenáculo, acompanhado pelo Vigário Geral, capelães e parentes, foi pôr o primeiro livro nas estantes da sua livraria, que, de acordo com o seu testemunho, foi o primeiro tomo da Bíblia poliglota de Ximenes¹⁴. Ainda no ano de 1805, o Arcebispo ordenou as obras para preparar uma « Segunda Casa», certamente destinada aos Gabinetes para acolher a sua vastíssima colecção de produtos naturais e peças arqueológicas. Iniciadas pelo mestre Lourenço Saraiva em Julho e com as quais despenderia a avultada soma de 3.479.260 réis¹⁵.

O sucesso era aparente, pois tudo leva a crer que, além das obras feitas, entre 1805 e 1808, pouco ou nada se avançou. A desorganização era grande, a maioria dos

¹⁰ - Túlio Espanca, que também cita esta passagem, explica que dois retábulos estiveram no topo norte da Sala de Leitura, no local onde hoje se encontra o retrato do Fundador, pintado por Isaías Newton em 1872, e reproduzindo o original da galeria da Sé. O primeiro era a Disputa e mais tarde, depois de 1808, Cenáculo mandou colocar o segundo, um painel representando a Transfiguração do Senhor, como lembrança do saque de Évora.

¹¹ - « Na Sexta Feira 8 de Fevereiro dia de S. João da Mata se assentou a última estante da nova Livraria». VILLAS BOAS 1805, in BPE, Cod. CXXIX/1-21, fl. 56v.

¹² - « Na Quarta Feira seis de Março dia de santa Colecta, e aniversário de Bispo de Beja, e Arcebispo de Évora fui abrir em a nova Livraria os primeiros Caixotes dos livros que vieram de Beja para ela». *Idem, ibidem*.

¹³ -« ... cópia do original de Trevisani, mestre de Francisco Vieira português antigo, a qual cópia é feita pela Princesa D. Maria Benedicta, viúva do meu príncipe D. José, a qual ela deu a sua mãe a rainha D. Mariana Vitória, mulher del rei D. José, e por morte deste Senhor mo deu a mim em 1790 quando voltei para Beja». VILLAS BOAS, 1805, ob. cit. fl.56.

¹⁴ - Ter-se-á então procedido à colocação dos livros nas estantes, tal como refere: « Mande abrir um caixote e o primeiro livro que deparei foi a Évora Gloriosa, o que me pareceu coisa de reflectir», VILLAS BOAS, 1805, fl. 57. A obra de Ximenes é a *Biblia Veteris, et Novi Testamenti, Hebraico, Graeco, et Latino Idiomate*: D. Francisco Ximenes, Compluti, 1517: vol. 6 fól. Cf. BPE Cod. C/2-10, 1813, fol. 1.

¹⁵ - Cod. C/2-11 1805, fls. 17-20. Trata-se de despesas com pedreiros, carpinteiros e lançadas, dia a dia, no livro do responsável pela obras. Pensamos tratar-se do museu, pois como testemunhará em 1814 o Juiz do Inventário do arcebispo, a Livraria tinha só uma vastíssima sala. Cf. BPE, Cod. C/2-18 1814, fl. 7.

livros permanecia em caixotes e bancas e à espera de melhores dias para fazer um catálogo sistemático. Mesmo assim a nova instituição recebeu em 1806 a visita do Príncipe Regente, D. João VI, acompanhado de Dona Carlota Joaquina e do herdeiro da coroa. Cenáculo deixou testemunho dessa visita no Diário:

Na Terça feira 22 chegou o Príncipe a esta Porta da Sé pela uma hora, onde eu o esperava com o Cabido.(...). Na Quarta feira fui mostrar-lhe a Livraria, e depois à Princesa, que gostaram e festejaram, e pelas dez horas foi o príncipe, e depois a princesa à igreja de S. Francisco, e dali continuaram a jornada por Montemor até as Vendas Novas e na Quinta foram dormir a Queluz¹⁶.

Os fundos bibliográficos eram, nesta primeira fase, provenientes dos livros deixados pelo arcebispo anterior, D. Frei Joaquim Xavier Botelho de Lima¹⁷, e pelos muitos milhares que o próprio Cenáculo trouxera de Beja que, de acordo com o inventário feito após a sua morte, em 1814, seriam 50.000 volumes¹⁸.

Sobre os livros que Cenáculo trouxe de Beja, encontramos uma referência no diário, de que vieram em muitos caixotes a partir do início do ano de 1805¹⁹, mas não sabemos o número exacto desse espólio. Contudo, temos o testemunho do próprio Cenáculo, sobre os livros que lhe restavam depois das muitas doações. Com efeito, escreveu ao Príncipe Regente nessa altura, para o sensibilizar para apoiar o fundação da Biblioteca de Évora:

Depois das distribuições, que fiz, *ainda terei quarenta mil volumes, além de curiosidades Literárias*, de que farei doação a esta Igreja, ao que acrescentarei o que Deus ainda permitir que eu possa adquirir para que se formem almas dignas deste nome, em quanto maior número ser possa, e se dêem a ver, e gozar com utilidade e esplendor, dignos da Sabedoria que nos criou²⁰.

¹⁶ - BPE, Cod. CXXIX/1-21 1794-1808, fl. 60.

¹⁷ - Segundo RIBEIRO 1914, p. 51, esse núcleo rondava dois mil volumes. ESPANCA 1981-1982, p. 215, diz que esse número era de 2.314; número de volumes que se confirma com o catálogo existente no espólio do arcebispo Xavier de Lima: cf. BPE Cod. CX/2-18 1800? fls. 50-58.

¹⁸ - BPE, Cod. C/ 2-18, 1811-1839, fls. 7 –10v.

¹⁹ - Cf. BPE, Cod. CXXIX/1-21, fl. 56v.

²⁰ - BPE, Cod. CXXVIII/2-11 sd, fls. 173, sublinhado nosso. Embora autografa a carta é uma cópia ou primeira versão da carta enviada, e deve ter sido redigida por volta de 1804-1805.

É também sabido que o espólio de Frei Manuel do Cenáculo não se limitava aos livros e que a Biblioteca de Évora recebeu também o que lhe restava do monetário e dos produtos naturais. Relativamente ao monetário o próprio arcebispo deixou um inventário que atesta a importância e valor deste património. Com efeito, encontramos no seu Diário um memorando intitulado: *Aquisições Para novo monetario depois que mandei o meo antigo para a Biblioteca Publica no inicio deste anno de noventa e oito*. Trata-se de um registo das moedas que entretanto reuniu até 31 de Agosto de 1801²¹. No quadro seguinte resumimos o monetário que Cenáculo tinha e que deixou a Biblioteca de Évora:

QUADRO I – Monetário de Frei Manuel do Cenáculo em 1801

ESPÉCIMENS	OURO	PRATA	COBRE	BRONZE	TOTAIS
Moedas	57	483	2424	3	2967
Medalhões	2	20	-	-	22
Anéis	2	3	-	-	5
Colares	1	-	-	-	1
TOTAIS	62	506	2424	3	2995

(Fonte: BPE, cod. CXXIX/1-21, fl. 219)

O memorando permite, além da quantidade, discriminar a proveniência e qualidade do monetário. Por exemplo, as 57 moedas de ouro distribuíam-se assim: 46 godas, 3 portuguesas (D. Sancho I, D. Afonso IV e D. João III esta uma S. Vicente), uma romana (Nero e Agripina), três moedas moiras e 4 sem indicação. As medalhas eram a da Academia de Ciências de Lisboa e a medalha equestre de D. José I; além do colar, os dois anéis um tinha gravação « em pedra fina» e o outro era um anel com cadeia.

A invasão e o saque de que foi alvo a cidade, pelos franceses em 1808, bem como a prisão do Arcebispo pela Junta Revolucionária de Beja, atrasaram todo o processo e a perda de parte do valioso espólio, não apenas de muitos livros, mas também, do rico monetário e das valiosas colecções de produtos naturais. Com efeito, o próprio Cenáculo deixou testemunho elucidativo sobre o vandalismo dos invasores, que

²¹ - BPE, Cod. CXXIX/1-21 1794-1812, fl. 219. O subtítulo da lista é também elucidativo sobre a proveniência destas moedas e medalhas: «Aos restos que achei em a confusão da Casa: Da boa porção que me enviou, e trouxe D. Manuel de Vilhena, e de outros do Minho, Algarve, Alentejo; e da província se compõe a nossa colecção neste dia sete de Agosto deste mesmo ano de noventa e oito das seguintes».

fizeram do paço episcopal o quartel general durante o fatal triudo, de 29, 30 e 31 de Julho, que afectou a cidade e as suas gentes. Os invasores ficaram estupefactos com a quantidade de livros, e também de certo modo revoltados, pois pretendiam dinheiro e, como não o encontraram, terão descarregado a sua fúria nos livros e na valiosa colecção de produtos naturais, rasgando uns e partindo outros. As palavras do Arcebispo dispensam a imagem para nos apercebermos do vandalismo praticado pelos invasores:

... não ficou quase nada das prata de que o meu antecessor se tinha provido; fiquei sem anel episcopal, todo o copioso monetário, que a tanto custo tinha juntado para deixar com a grande livraria que tenho edificado, a qual por si só dá tanto a ver a grande despesa que tenho feito para instrução do clero e fiéis deste rebanho, que um dos oficiais de grande patente, Mr. Pillet disse ao vê-la: *eis aqui porque o arcebispo não tem dinheiro; pois o tem gastado nisto* – Tudo quanto era ouro e prata foi saqueado, como também rasgados os livros e feitos em pedaços os manuscritos, quebrando as mais pequenas e delicadas peças do museu natural e artificial, unicamente para levarem alguns pequenos remates de prata e oiro, fazendo em pedaços imagens de Cristo e Santos, em fim reduzindo tudo a um estado de fazer lástima ainda a quem não é curioso²².

Apesar deste revés, e também dos anos que naturalmente já pesavam, Frei Manuel do Cenáculo não desistiu e retomou o seu projecto, logo depois de terminadas as invasões. Nesse sentido tinha já requerido, ao Núncio Apostólico no Rio de Janeiro a aplicação de 1.200.000 réis anuais, tirados das rendas da Mitra e da Fábrica da Sé, para estabelecimento e dotação da Livraria o que lhe foi concedido por despacho real datado de 1807 e confirmado por breve datada de 12 de Dezembro de 1810. Neste mesmo ano, contudo, em portaria assinada pelo Arcebispo em 10 de Outubro, determinava que a quantia se limitava a importância de 500.000 réis, «atendendo ao estado a que a hostil invasão tinha reduzido a Mitra e Fábrica»²³.

Os estatutos da Biblioteca saíram em 21 de Setembro de 1811 e com eles fez doação perpétua da biblioteca à Igreja Metropolitana de Évora, com a obrigação de ser pública e de a conservar com as verbas provenientes da Mitra e da Fábrica. Isso mesmo foi invocado no preâmbulo dos Estatutos de forma inequívoca, entendendo tal projecto como uma obrigação da sua pastoral:

²² - VILLAS BOAS 1887, p. 15.

²³ - BPE, Cod. C/ 2-18 1811-1839, fl. 8.

... temos empregado uma grande parte dos nossos cuidados em fazer uma Colecção de Livros a mais copiosa, que nos tem sido possível, à custa de cansadas diligências e grandes despesas, abençoando-nos a Divina Providência tão favoravelmente, que depois de termos concorrido para a Livraria Pública da nação com porções numerosas de Livros, Manuscritos, e impressos das mais antigas edições, e da primeira raridade, como também com muitas peças próprias do Museu de uma Corte; e depois de termos deixado na nossa primeira Diocese de Beja uma Biblioteca completa e proporcionada para se cultivarem os Estudos Eclesiásticos, que deixamos fundada, ainda nos recolhemos a esta nossa Amada Diocese com grande número de mil volumes e Manuscritos, e Impressos, alguns os mais raros, e pode ser que até únicos, e singulares, acompanhados de uma grande cópia de pinturas (...); como também acompanhadas de muitas raridades históricas artificiais, e naturais, que muito ajudam a instrução²⁴.

A exigência de que a biblioteca servisse o público ficou bem expressa no artigo oitavo, onde se determinava que quatro vezes por semana, nas manhãs de Terça e Sábado e nas tardes de Segunda e Quinta, a biblioteca estaria aberta para os leitores, que deviam ser tratados com « agrado e bom acolhimento, e franqueza», pelos oficiais e restantes empregados.

Com os Estatutos designou o pessoal para o governo do estabelecimento²⁵:

Quadro II - Pessoal da Biblioteca Pública de Évora (1811)

Cargo	Nomes	Observações
Perfeito	Dr. António José de Oliveira	Coadjutor de Cenáculo, Bispo de anel e de Eucarpia
Vice-Perfeito	Fr. José Constâncio Lopes da Cruz	Definidor da Ordem Franciscana
1º Bibliotecário	P. José da Conceição	Religioso de Santo Agostinho
2º Bibliotecário	P. António Estevão de Lima	Secretário de Cenáculo
Cartorário ²⁶	Dr. José Lopes Mira	Secretário do Santo Ofício.
Contínuo	José Castro Coelho Marques	Guarda Roupas de Cenáculo, que exerceu o cargo até à morte em 1864.

(Fontes: Estatutos 1811, Espanca 1989)

No ano de 1813 começou a ser ordenado o museu, pelo Bacharel Francisco da Paula Velez e no mesmo ano José da Estrela Marques, coadjuvado por José Constâncio Lopes da Cruz, começou a fazer o catálogo da livraria²⁷. A morte do Arcebispo trouxe

²⁴ - BPE, Cod. C/ 2-18, 1811, fol. 5., e ESPANCA 1981-1982, p. 206.

²⁵ - RIBEIRO1914, p. 22.

²⁶ - Era objectivo de Cenáculo anexar o cartório da Mitra à Biblioteca, o que na realidade nunca veio a acontecer.

²⁷ - BPE Cod. C/2-18, 1811, fl. 15.

um interregno nestes trabalhos. O inventário ao espólio do prelado, feito pelo Juiz José António de Leão, acrescenta dados relevantes sobre a biblioteca e museu. Assim, na nota que enviou, em 22 de Fevereiro de 1814, ao Governo da Regência, dá conta do estado caótico em que ainda se encontravam as duas instituições, mas também do valor das colecções reunidas:

A livraria, incluída apenas numa vastíssima sala com 72 Estantes de 11 ordens cada uma, que não podem conter grande número de Livros, que ainda estão em bancas, e caixotes fechados é avaliada (talvez sem excesso) em 50.000 volumes: além destas Estantes, e Caixões há mais 30 grandes armários, e 28 mais pequenos, recheados de manuscritos, e livros antigos impressos, obras proibidas, e sobretudo de pergaminhos da maior riqueza, raridade (...); mas de tanta preciosidade, nem há Catálogo, nem Inventário algum, e o mais é que uma admirável Livraria está colocada sem ordem ou sistema algum, nem mesmo tem a vantagem de se encontrarem juntas todas as Obras do mesmo Autor, e algumas vezes nem todos os tomos da mesma obra²⁸.

Mas o juiz do inventário fala também das hesitações dos prelados que deviam continuar a obra iniciada por Cenáculo: o novo Arcebispo, D. Frei Joaquim de Santa Clara e António José de Oliveira, Bispo e Vigário Capitular do Arcebispado de Évora. Este último fora nomeado, de acordo com os estatutos, primeiro bibliotecário, mas punha em dúvida a competência do inventário. A dúvida estava no facto de saber se a doação da Biblioteca à Igreja Metropolitana, se aplicava aos seus sucessores e consequentemente as obrigações que ela implicava: que a Biblioteca fosse pública, que manteria os ofícios e empregos determinados nos estatutos e que o seu Presidente seria o Arcebispo²⁹. O zelo do juiz e a prova de que procurou uma solução para os diferendos surgidos ficam demonstrados com as suas propostas para se proceder à venda de livros, que estivessem repetidos, e que se arrendasse a propriedade de Valverde, através de um leilão público. Em resposta a Regência isentou de inventário a biblioteca e museu, pela grande confusão em que estavam sem catálogo e pelo tempo que demoraria o inventário, e encarregou o Bispo eleito e Vigário Capitular de fazer o catálogo. Determinou, também, que só se vendessem os livros que apresentassem sinais de corrupção³⁰.

²⁸ - BPE, Cod. C/2-18, 1811, fl. 7-7v.

²⁹ - « Que será pública em certos dias e horas da semana». *Idem.*, fl. 8v.

³⁰ - Relativamente à venda de livros, indica 200 jogos de catecismos de Montpellier e

2- Fundos bibliográficos: O Catálogo da Escritura Santa

Tentemos inventariar o número de volumes deixado por Cenáculo à Biblioteca Pública de Évora. Na citação acima transcrita, o arcebispo fala em « grande número de mil volumes e manuscritos, e impressos, alguns os mais raros, e pode ser que até únicos, e singulares», na carta ao Príncipe Regente indica 40.000 volumes. O juiz do inventário *post mortem* do Arcebispo, José António de Leão, avaliou a colecção de livros e manuscritos em 50.000 volumes. O mesmo número apontou Silvestre Ribeiro, incluindo nele os livros já existentes no paço episcopal³¹. Contudo, segundo Túlio Espanca, o fundo original da Biblioteca era constituído por 25.000 volumes impressos e manuscritos, de sua doação particular, « e por mais 2.314 livros deixados no Paço pelo prelado antecessor D. Fr. Joaquim Botelho Lima»³². Não nos diz, todavia, em que fonte se baseou para chegar a este número. Sistematizamos no quadro seguinte o numero de volumes, de acordo com cada um dos autores referidos.

Quadro III – Fundos bibliográficos iniciais da Biblioteca Pública de Évora

Autores	Doação de Cenáculo	Doação de Botelho Lima	Totais
RIBEIRO	48.000	2.000	50.000
ESPANCA	25.000	2.314	27.314
CENÁCULO	40.000	2.314	42.314
LEÃO	-	-	50.000

(Fontes: BPE, Cod. C/2-18, fl. 7 e Cod. CXXVIII/2-11, fl. 173 RIBEIRO 1914, ESPANCA 1981)

Perante a diversidade dos números apontados, e atendendo a que estamos numa época em que a estatística, então designada Aritmética Política, estava a dar os primeiros passos, é muito difícil com os dados recolhidos e, sobretudo, porque não existe um catálogo sistemático dos fundos bibliográficos, chegar a um número exacto. Como mera hipótese de trabalho, pensamos que os números avançados por Cenáculo são os mais credíveis e que não contrariam o inventário *post-mortem*. Com efeito, na

muitas obras impressas de Cenáculo.

³¹ - « ... uma colecção de bons cinquenta mil volumes, entrando em conta Livros da primeira raridade, e grande cópia de manuscritos singulares, e de grande preço; tudo aquisições suas, à excepção de dois mil tomos que achou no Palácio da Metrópole deixados pelo seu antecessor». RIBEIRO 1914, p. 22.

³² - ESPANCA 1980-1981, p. 207.

carta ao Príncipe Cenáculo diz também que além dos que já possui conta adquirir ainda mais. Feitas as contas não é nenhum absurdo pensar que Frei Manuel tenha adquirido entre 1805 e 1814 mais 7.686 volumes, o que junto ao fundo legado por Botelho Lima perfaz os 50.000 volumes apontados pelo juiz do inventário. Também Filipe Simões ao referir-se ao tempo em que Cunha Rivara iniciou as suas funções de bibliotecário escreve: « Continha a biblioteca para cima de trinta mil volumes impressos, perto de dois mil códices manuscritos, livros iluminados, pinturas e outras obras de arte e da natureza, algumas de inestimável valor Apenas alguns livros estavam catalogados. Faltava classificar e catalogar os restantes, inventariar os manuscritos, ordenar as colecções»³³. Ora sabemos que, com os arcebispos que sucederam a Cenáculo, a biblioteca passou tempos conturbados e há testemunhos de saída de milhares de livros, como veremos de seguida, portanto também Augusto Simões corrobora números próximos aos do juiz do inventário. Uma coisa é indiscutível: a grande dimensão e valor do espólio deixado por Frei Manuel do Cenáculo.

O fundo doado por Xavier Botelho de Lima compõe-se de 2.314 volumes e temos um inventário que terá sido feito por altura da morte do arcebispo, pelo escrivão Miguel Remigio. De acordo com esta fonte, a livraria do arcebispo compunha-se de 691 obras, totalizando 2.314 volumes, sendo 28 manuscritos. Trata-se de um fundo valioso, quer na qualidade das obras quer na sua quantidade³⁴.

Na tentativa de trazer alguma luz à questão sobre os fundos bibliográficos iniciais, procuramos e encontramos um catálogo incompleto, que tudo leva a crer tratar-se do que foi iniciado em 1813 e intitulado: *Catalogo dos Livros pertencentes á Escripura Santa*³⁵. Nele se indicam os impressos; com menção do título, autor, local da edição, editora (nem sempre), número de volumes e o tamanho (fólio, 4, 8 e 12), 1.396 títulos de obras raras e antigas, séculos XV ao XIX, totalizando 2.423 volumes. A temática é religiosa: Bíblias, textos bíblicos, comentários, paráfrases e obras dos Padres da Igreja; tudo em diversas línguas, mas com nítido predomínio do latim, português e francês. Apesar de ser um inventário muito parcelar, permite-nos contudo comprovar a raridade e valor da colecção bibliográfica inicial. Com efeito, desde bíblias políglotas, em latim hebraico, caldeu e árabe, até versões da *vulgata*, ou

³³ - SIMÕES 1888, p. 93.

³⁴ - Contamos em próximo trabalho fazer uma análise pormenorizada deste fundo.

³⁵ - BPE COD. C/2-10, fl. 53. Uma das obras que se indica permite-nos chegar a essa data. Trata-se de um texto de Acursio das Neves: *Parafrase ao cap. 14 do Livro de Isaías*, Lisboa, 1809, v.1, 4º. Cf. fl. 49.

traduções bíblicas em espanhol, português, etíope, inglês e alemão (esta uma tradução de Martinho Lutero), tudo está aí indicado e de algum modo a comprovar o grande interesse que Frei Manuel do Cenáculo tinha pelo Texto Sagrado. Para uma melhor percepção, da raridade e dimensão desta colecção, resumimos no quadro que se segue apenas as obras referente a uma das classes, mencionadas no catálogo, precisamente a das Bíblias e versões bíblicas.

Quadro IV – Catálogo da Escritura Santa: Bíblias e Versões Bíblicas

Bíblias e Versões	Títulos	Anos	Línguas	vols.	Formato
Políglotas	5	1517-1657	Hebraico, grego latim, caldeu, árabe, siríaco	33	Fólio
Bíblias Hebraicas	13	1533-1784	Hebraico	31	Fólio
Versões Gregas	6	1587-1798	Grego	14	Fólio, 4, 8
Versões Latinas	37	1470-1785	Latim	59	Fólio, 4, 8, 12
Versões francesas	1	1753	Francês	8	8
Versões Italianas, Espanholas e Portuguesas	4	1569-1748	Italiano, castelhano, português	8	4 e 8
Versões alemãs, inglesas e etíope	3	1679-1710	Alemão, inglês etíope	3	Fólio, 8 e 4
Livros vários do Velho Testamento em línguas diferentes	47	1478-1780	Latim, português, francês	57	Fólio, 4, 8
Textos do Novo Testamento, e de seus livros	11	1539-1786	Latim	11	Fólio, 4, 8, 12
Versões do Novo Testamento, e de seus livros separadamente e em diferentes Línguas	41	1505-1805	Latim, português, italiano, francês, espanhol	45	Fólio, 4, 8, 12
Harmonia, e Concórdia dos Evangelhos	13	1566-1738	Latim	14	Fólio, 4, 8
Livros Apócrifos	1	1713	Latim	4	8
Concordância da Escritura Santa	10	1496-1775	Latim	15	Fólio, 4,
Historias abreviadas, e Figuras da Bíblia em geral	18	1486-1791	Latim, português, francês.	29	Fólio, 4, 8
Histórias, e figuras relativas a algumas partes da Bíblia	37	1495-1788	Latim, português, francês, italiano, espanhol.	45	Fólio, 4, 8.
Intérpretes Judeus da Escritura Santa	7	1455 -1632	Latim, espanhol,	7	Fólio, 4, 8
Intérpretes Cristãos: Comentários Gerais à Bíblia	53	1482, 1504-1793	Latim, português, espanhol, francês	319	Fólio, 4, 8
Intérpretes dos Livros separados do Velho Testamento	47	1527, 1787	Latim, francês	67	Fólio, 4, 8
Total	354			769	

(Fonte BPE, Cod. C/2-10 1813, fl. 102)

As Bíblias políglotas eram naturalmente as mais valiosas, autênticos tesouros da bibliofilia europeia, e como se constata pela correspondência, dirigida a D. Frei Manuel do Cenáculo eram um dos seus interesses. Também entre os donativos feitos por Cenáculo a outras bibliotecas figuram alguns exemplares raros. Assim, António Ribeiro dos Santos escreve a agradecer-lhe as ofertas que fez a Real Biblioteca da Corte em 1797-1798, e menciona o espanto que teve ao ver uma dessas Bíblias: « Que sobressalto de consolação, e de alegria foi o meu, quando vi pela primeira vez a rara Biblia Sixtina? Este livro de ouro só nos podia vir das mãos mil vezes benéficas, e preciosas de V. Ex.»³⁶. Do mesmo modo entre os donativos que deu a Biblioteca do Convento de Jesus, encontrava-se uma *Bíblia Moguntina*³⁷. Para vermos com mais pormenor estes autênticos tesouros resumimos no quadro que se segue as Bíblias Políglotas existentes em 1813 na Biblioteca de Évora:

Quadro V – Bíblias Políglotas (1813)

Título	Ano	Línguas	Vol.	Formato
Biblia Veteris, et Novi Testamenti ... D. Fr. Ximenes	1517	Hebreu, Grego e Latim	6	Fólio
Biblia Sacra ... Regis Philipe II	Antuérpia, 1569	Hebreu, Caldeu, Grego e Latim	8	Fólio
Biblia Guido Michael de Vay; Lutetia	Paris, 1645	Hebreu, Latim, Samaritano, Caldeu, Grego, Siriaco, Árabe.	10	Fólio
Biblia Poliglota, et lexicon Heptagloton, Brian Walton	Londres, 1657	Hebreu, Latim, Samaritano, Caldeu, Grego Siriaco, Árabe	8	Fólio
<i>Biblia Sacra Cum dupli traslatione, et Scholiis, Franc. Vatabli Salmanti</i>	1584	Latim, Grego	1	Fólio

(Fonte: BPE COD. C/2-10, fl. 1)

Certamente nem todas as obras do catálogo da Escritura Santa eram espólio de Frei Manuel do Cenáculo, mas temos também a certeza que outras lhe pertenciam. Quanto ao valor desta colecção, a título de exemplo refira-se que a Bíblia Poliglota de Walton custou a D. Frei Manuel do Cenáculo 64.000 réis, em 1771 ³⁸.

³⁶ - SANTOS 1797, in BN, MS 160 nº 80-84, fl. 81. Sobre o papel de Ribeiro Santos na criação da Real Biblioteca da Corte ver PEREIRA 1989, p. 75.

³⁷ - VAZ 2003, p. 489.

³⁸ - BPE, Cod. CXXVIII/1-13 1768-1795, fl. 61.

Como conseguiu Cenáculo reunir tantos livros? Em primeiro lugar, como Presidente da Real Mesa Censória, participou activamente na transferência dos fundos bibliográficos das Casas dos Jesuítas para a biblioteca da Mesa. A sua participação está comprovada na historiografia e mesmo no testemunho dos contemporâneos³⁹, que registam a decisão de recolher na Mesa Censória os livros das antigas livrarias das Casas da Companhia de Jesus. Por exemplo, os livros que se encontravam na Universidade de Évora, Colégio do Espírito Santo, como testemunha Bento Farinha, foram inventariados e enviados para a Mesa em 1775⁴⁰. Com estes fundos não é de admirar como se aponta no decreto de D. José I de 2 de Outubro de 1775, que a Biblioteca da Mesa Censória tivesse 60.000 volumes⁴¹.

Outros meios importantes foram a compra de exemplares e a oferta de milhares de obras. Na verdade encontramos na correspondência referência a diversas obras mencionadas neste catálogo. Os livros são uma constante na correspondência que lhe é dirigida, até porque alguns dos correspondentes são livreiros ou seus agentes, que lhe apresentam as suas ofertas. Mas além desses, poucos são os que não falam de livros. Com efeito, muitos agradecem-lhe obras enviadas, outros solicitam-lhe livros, outros oferecem-lhe os seus textos ou pedem-lhe orientações nas obras que querem publicar, ou pedem-lhe o patrocínio e intervenção para essa mesma publicação e muitos dedicam-lhe obras, quer em poesia quer em prosa. Na verdade as numerosas cartas que lhe foram dirigidas documentam uma intenso intercâmbio literário e só com elas ficamos a saber muito acerca dos gosto e interesses de leitura das nossas elites de finais do antigo regime.

Relativamente a compra de livros, Frei Manuel do Cenáculo tinha “conta aberta” nos principais livreiros franceses estabelecidos em Portugal. Um desses livreiros, Borel e Borel, casa de Jean François Borel e Joseph Augustin Borel, que em 1780 lhe enviam

³⁹ - MARCADÉ 1978, p. 70, e DOMINGOS 1992, p. 139-142.

⁴⁰ - «.. porque dando Sua Majestade à Mesa Censória os livros que tinham sido destes Padres, e vindo ordem ao juiz de Fora de Évora, D. José Maldonado para os remeter para Lisboa no ano de 1775, ele me rogou o quisesse ajudar à arrumação destes livros..», Bento Farinha, *História Literária da Cidade de Evora*, in VAZ 1996-1997, p. 447-492. Manuela DOMINGOS regista, a partir de 1774, avisos de chegada provenientes da Madeira, Açores, Faro, Portimão, Elvas, Vila Viçosa. O Bispo anota esta participação, com a particularidade de ela se ter efectuado logo a partir de 1772, com efeito de 21 de Março de 1772, Cenáculo propôs ao Marques de Pombal, que se vendessem os livros dobrados que fossem chegado das livrarias dos jesuítas, cfr. BPE, Cod. CXXVIII/2-16, doc. 2, fl. 2v.

⁴¹ - DOMINGOS 1992, p. 149.

uma letra da dívida que o bispo de Beja contraíra em 1773 junto de Antoine Jean, um livreiro de Turim, a quem comprara a *Biblia de Aretin* e a *Bellum Papale*, obras raras que lhe tinham custado 100 libras, o equivalente a três moedas de ouro e um terço de moeda⁴². Cenáculo não pagara essa despesa e desde 1776 devia a Borel e Borel 1.241.000 réis, dívida que se arrastou até 1792. Com efeito, só em 1778 mandou pagar 300.000 réis; em 1781 o livreiro francês acusava esse pagamento mais o de 30 moedas de ouro para pagar obras compradas ao livreiro de Turim (tratava-se naturalmente das já referidas e da obra *Decor Puellarum*) . O livreiro francês queixa-se que todas as contas com os livreiros de que eram intermediários tinham sido pagas, excepto a antiga dívida⁴³. E o que é mais espantoso é que nessa mesma carta testemunha que Cenáculo os informara que não tinha possibilidade de pagar essa dívida, ao ponto de lhe sugerir que era mais fácil devolver-lhe os livros comprados⁴⁴. Finalmente em carta datada de Abril de 1792, Borel e Borel, informa que a conta devida por Cenáculo é agora 354.749 réis mais 19.250 réis para pagar Bíblia Espanhola de Scio⁴⁵. Outro livreiro Francês, radicado em Lisboa e em cuja casa tinha conta aberta, era Claudio du Beux, e também nesta casa o bispo de Beja fez avultadas compras de livros, contraindo uma dívida de 1.590.870 réis, em 1779, dívida que se arrastou até 1796⁴⁶.

No estrangeiro, Cenáculo contou, entre outros, com Nicolau Pagliarini, livreiro em Roma ⁴⁷, Andrés de Sylva livreiro radicado em Bruxelas e descendente de portugueses de Montemor. Este último, em carta datada de 12 de Janeiro de 1779, oferece-lhe os seus serviços a melhores preços que os livreiros franceses estabelecidos em Portugal. Dá-lhe notícias sobre a venda de duas famosas bibliotecas de jesuítas, em Lovaina e Anvers, manda-lhe uma longa lista de obras que submete à apreciação de

⁴² - GUSMÃO 1944-1948, vol. 1, p. 171.

⁴³ - Além de Antoine Jean, falam em Mr. Rey e Mr. Reycend. GUSMÃO, ob. cit. p. 173.

⁴⁴ - «... vous nou dites qu'il vous seroit plus facile de nous rendre des livres». Idem, p. 173.

⁴⁵ -Idem, p. 175.

⁴⁶ - GUSMÃO, ob. cit. p. 175-185.

⁴⁷ - Nicolau Pagliarini, além de encarregado das livrarias do Paço e do Real Colégio dos Nobres, desde 1768, era também o Director da recém criada Impressão Régia . Cf. DOMINGOS ob. cit. , p. 142. A partir de 1771 que surgem registos de ordens de pagamentos em diversos documentos de Cenáculo: « apresentei o catálogo dos livros que Pagliarini remeteu a Biblioteca da Mesa Censória». Nestas compras, sobressai uma parte de uma livraria posta a venda a de D. José Miguel Pessanha. No catálogo completo destas compras, feitas através de Pagliarini, destacam-se as Bibliografias, Dicionários, Enciclopédias, e outras obras recentes.

Cenáculo⁴⁸. Essa lista de livros raros, que diz poder adquirir para o bispo, é dividida por 3 secções: a primeira constituída por obras de Políglotas, Hebreus e outras que possui no seu Gabinete e pode de imediato enviar. Na segunda, destaca as obra de História Natural, em latim ou francês, bem como outras sobre as artes e ciências⁴⁹. Finalmente, na terceira, o que comprova o catálogo que apresentamos, indica as obras dos padres da igreja (Agostinho, Crisóstomo e Hipólito), o poliglota Walton⁵⁰, Bíblias em Hebreu e Grego, a biblioteca hebraica de Wolphio e a gregas e latina de Fabricio, *Concilia Germanica* (10 volumes)⁵¹ e *Acta Sanctorum*.

A correspondência de Nicolau Pagliarini, a D. Frei Manuel do Cenáculo, reúne um total de 164 cartas, algumas acompanhadas de relações de livros comprados e páginas de gazetas noticiosas. Por isso, as compras feitas através de Nicolau Pagliarini, entre 1768-1792 estão bem documentadas, quer em termos de preços, quer de datas. Trata-se de um vasto e importante acervo documental que compõem um códice existente na Biblioteca Pública de Évora⁵². Com base nos 11 róis - ou relações, dado que os dois termos aparecem mencionados na correspondência - é possível contabilizar os quantitativos, referentes a estes 24 anos de compras, quer em preço quer no número de livros. Assim contabilizamos 1.256 títulos, 2946 volumes, que terão sido adquiridos por Cenáculo ao preço de 4.470.905 réis. As relações apresentam obras de luxo, como por exemplo, há três obras que ultrapassam os 100.000 réis: a editada por Jakob Gronovius (1645- 1716), intitulada *Thesaurus antiquitatum Graecorum* (1697-1702, 25 tomos, fol. 170.000 réis); Merinschy: *Thesaurus Linguarum Orientalum, cum onomafrio, et grammatica* (Viena, 1682, 5 tomos, fol. 150.000 réis) ; e *Auctores*

⁴⁸ - « Haviendo sabido el nombre de V. S. , su amor por las Ciéncias, e buen gusto en toda a Litteratura, me tomo la libertad de escribirle, y ofrecerie mis serviços...». GUSMÃO, ob. cit., p. 175.

⁴⁹ - «.. todas as colecciones de la Academia de las Ciencias de Paris; la de las Inscripciones; la Descripcion utilissima des Arts, et Metiers; todo en frances. Ata Lipsiensia en Latin, Transacciones phylosophycas en Ingles. Item todo libro de Historia Natural tanto en Latin como en frances como el Buffon, y outros muchos; Y para non mortificar a V. S., quanto libro util, y conocido entre las manos de los sabios, todo se hallara en estas ventas». *Idem, ibidem*.

⁵⁰ - Cf. *Biblia Poliglota, et Lexicon Heptagloton. Briannus Walthon*, Londini, Roycroft, 1657, v. 8 f.; BPE, cod. C/2-10, fl. 1.

⁵¹ - Cf. *Concilia Germanica ...*, Colonia, 1775, vols. 10. Ob. cit. fl. 34.

⁵² - BPE COD. CXXVIII/1-13 1768-1795, fls. 397.

Classici ad usum Delphini, (Paris, 59 tomos, 4, 120.000 réis). Mas há muitas outras acima dos 20.000 réis⁵³.

Tomando como base a correspondência é possível dar o montante dispendido por Frei Manuel do Cenáculo para compra livros nestas três casas comerciais e, pelo menos no caso de Pagliarini, o número de obras e volumes. Resumimos no quadro seguinte esses montantes:

Quadro VI – Compras de D. Frei Manuel Cenáculo em Livreiros 1768-1796

Livreiro	Anos	Obras	Volumes	Preço (em réis)
Nicolau Pagliarini	1768-1792	1256	2946	4. 470. 905
Du Beux e Lagier	1771-1796	-	-	4. 204.037
Borel e Borel	1773-1792	-	-	1. 642. 908
TOTAIS	-	-	-	10. 317. 850

(Fontes: BPE COD. CXXVIII/1-13, GUSMÃO 1944-1948)

Mas D. Frei Manuel do Cenáculo comprava e recebia livros de muitos outros. Por exemplo, Fr. António Raimundo Pasqual⁵⁴, monge cisterciense, académico da Real Academia de História de Madrid. Neste caso foram as obras de Raimundio Lulio e pela correspondência ficamos a saber que as obras do sábio e alquimista espanhol foram sucessivamente pedidas pelo Bispo de Beja, desde 1751 e que Pasqual lhas fez chegar às mãos de forma sucessiva, até 1790⁵⁵. Também autores anónimos, homens de Estado e outros lhe enviaram as suas obras. Com efeito, Cenáculo tinha uma teia de relações que lhe permitia obter livros e notícias dos mais diversos pontos: os irmãos Moedanos mandam-lhe obras de Sevilha, Madrid e Granada; a revolucionária de Nápoles, Eleanora Fonseca Pimentel, envia-lhe os seus dramas e poesias, Gaetano Martinelli, dramaturgo italiano radicado em Lisboa, entre 1783-1798, envia-lhe os seus dramas, Gomes Freire de Andrade envia-lhe a sua dissertação, tal como fizeram tantos e tantos autores anónimos e figuras públicas.

⁵³ - Contamos em próximo trabalho analisar com pormenor a correspondência e relações de Nicolau Pagliarini.

⁵⁴ - GUSMÃO, cartas n.º 339 – 364, datadas Madrid e Maiorca 1751-1790. t. 1. p. 55-58.

⁵⁵ - Nesse ano comunica-lhe que seguiram em caixote as seguintes obras: *Vindiciae Lullianae*, *Descubrimiento de la Aguja nautica*, *Lactation Virginiae de S. Bernardo*.

Muitos pedem-lhe apoio e patrocínio para redacção e publicação de obras, nomeadamente professores régios, como Bento Farinha e Custódio José de Oliveira, mas mesmo muitos estrangeiros lhe pediram apoio neste sentido, como Herbert Hill, que lhe escreveu entre 1791-1801, pedindo ajuda para recolher manuscritos para a universidade de Oxford, tendo em vista a redacção de obra de William Conygham: *Designs of the Church and Royal Monastery of Batalha* e que no última carta recomenda o sobrinho, Mr. Southey, que vai em viagem de estudo pelo Alentejo e Algarve⁵⁶. Outro bom exemplo são as cartas de D. João Baptista Muñoz, (1785-1798, datadas de Sevilha e Madrid), que para desempenhar a comissão régia de escrever a *História da América*, recorreu a Frei Manuel do Cenáculo para ter acesso aos Arquivos da Torre do Tombo, bem como para ser autorizado pelo Tribunal da Mesa Censória para consultar os manuscritos que tinham sido dos jesuítas⁵⁷. Um dos pagamentos que os correspondentes faziam eram naturalmente os livros, que entretanto iam publicando, ou outros que ofereciam ao seu protector.

3 - A Biblioteca no tempo dos sucessores de Cenáculo:

A D. Frei Manuel do Cenáculo sucedeu, à frente do arcebispado, Frei Joaquim de Santa Clara (1816-1818) que, como se diz no Livro de Actas da Biblioteca Pública Eborense, pouco fez pela biblioteca, dele ficaram 52 livros⁵⁸.

Seguiu-se Frei Patrício da Silva (1820-1825) que procedeu, em nota pastoral datada de 3-1-1821, a algumas alterações nos Estatutos, que consistiram na drástica redução do quadro de pessoal da instituição a um Bibliotecário mor, um Bibliotecário coadjutor (que devia ser também o cartorário) e um Fiel. Contudo nessa nota pastoral apenas nomeia o Bibliotecário, Frei José Constâncio da Cruz e o Fiel, deixando vago o lugar de coadjutor, que continuava a ser José de Castro. Fixou também os ordenados do Bibliotecário em 100.000 réis e o do fiel em 50.000, mandando pagar as dívidas da casa, nomeadamente dos ordenados em atraso, pelas rendas da Mitra. Segundo Cunha Rivara, a consignação anual determinada por Cenáculo, 500.000 réis da Fábrica e Mitra, nunca teve efeito⁵⁹. Frei José Constâncio ocupou o cargo de bibliotecário sozinho até 1825,

⁵⁶ - GUSMÃO 1944-1948, vol. 3, p. 51.

⁵⁷ - GUSMÃO, ob. cit. vol. 4, p. 194 e ss.

⁵⁸ - ESPANCA, ob. cit., p. 216.

⁵⁹ - RIVARA 1845, cit. in ESPANCA 1981-1982, p.226.

ano em que passou a ser coadjuvado pelo cónego Joaquim Machado, que com a morte de Frei Constâncio passou a ser o bibliotecário interino.

Com Frei Fortunato de S. Boaventura (1832-1844), a Biblioteca entrou num dos seus períodos mais críticos. Com efeito, o novo arcebispo, nomeado pelo governo absolutista de D. Miguel, despediu o Bibliotecário e o contínuo, declarando que os lugares ficavam vagos e não voltariam a ser providos. O Bibliotecário Joaquim Machado, impugnou a decisão por contrariar os Estatutos e acompanhado pelo fiel recusou-se a entregar as chaves da Biblioteca. Contudo o Arcebispo mandou fazer outras chaves para uso pessoal e suspendeu o pagamento dos ordenados. Não contente com estes atropelos, levou consigo algumas “carradas de livros”, quando se transferiu para Estremoz, até que pela convenção de Évora Monte foi para o estrangeiro⁶⁰. A restauração do absolutismo não foi benéfica para a casa, a semelhança do que aconteceu com a instrução em geral⁶¹.

Com o ano de 1835, a Biblioteca Pública de Évora entrou num período de maior acalmia, porque os ordenados dos funcionários passaram a ser pagos pelo Tesouro Público. Mas foi sobretudo a partir de 1838 que a instituição entrou numa nova era com a nomeação do primeiro Bibliotecário civil, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, bacharel em Medicina e Professor de Filosofia no Liceu de Évora. Cunha Rivara manteve-se à frente dos destinos da biblioteca até 1855, ano em que foi nomeado secretário para o governo da Índia portuguesa. Durante estes dezassete anos, e como diz Filipe Simões, « trabalhou sempre com incansável zelo na conservação e aumento da biblioteca »⁶². Entre os trabalhos que desenvolveu, a bem da casa e para uso da posteridade, destaca-se o inventário e arrumação dos numerosos manuscritos, principiando o *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública de Évora*, que ainda hoje é uma referência obrigatória para a consulta de cimélios. Foi também Cunha Rivara que iniciou a integração dos livros impressos provenientes das Livrarias dos extintos conventos na biblioteca, mais de 5.000 volumes, deixando contudo muitos outros « dispersos por várias salas do antigo Colégio dos Jesuítas, e do Palácio Arquiepiscopal, e grande número deles a monte, por falta de estantes »⁶³.

⁶⁰ - Mais uma vez ficamos sem saber a exacta dimensão deste “desvio” feito pelo Arcebispo Boaventura, que em vez de ser o principal guardião da casa, acabou por ser o seu ladrão.

⁶¹ - CARVALHO 1986, p.543.

⁶² - SIMÕES 1888,t.p. 233.

⁶³ - RIBEIRO 1914, ob. cit. p. 54.

O Catálogo dos Manuscritos, é constituído por quatro volumes, publicados pela Imprensa Nacional, sendo o primeiro (1850) da exclusiva responsabilidade e autoria do bibliotecário Cunha Rivara, mas os três restantes (1868-1871), embora feitos com base em muitos dos seus apontamentos, tiveram como organizador Joaquim António de Sousa Telles de Matos, conhecido bibliófilo eborense, a quem o então bibliotecário encarregou da tarefa de concluir o catálogo iniciado por Cunha Rivara. Organizado por temas: Cousas da América e África (t.1), Literatura (t.2); História (t.3), Sciencias Artes e Poligrafia (t.4); o catálogo cedo se transformou numa referência obrigatória para os investigadores de diversos quadrantes.

Mas não foi apenas no domínio da salvaguarda das espécimes e sua catalogação que Cunha Rivara se distinguiu. Na verdade, era sua grande preocupação o espaço da biblioteca e, para o melhorar e aumentar, conseguiu ainda do Governo do Reino a construção de uma segunda sala, na ala setentrional do edifício, e que viria a receber o nome de Sala Nova, onde mandou arrumar mais de 8.000 volumes, obras provenientes do depósito geral.

Da leitura dos relatórios dos dois ilustres bibliotecários, Cunha Rivara e depois Luís Filipe Simões, anotamos, em primeiro lugar, uma reduzida preocupação em garantir uma das finalidades enunciadas pelo fundador: que a biblioteca fosse pública, para promover a instrução. Neste sentido parece-nos ter havido um retrocesso. A este facto talvez não sejam estranhas as dificuldades orçamentais da casa, pois como ambos realçam os 500.000 réis previstos e garantidos por Cenáculo para manutenção, e que deviam ser pagos pela Mitra e Fábrica da Sé, nunca chegaram aos cofres da Biblioteca. Há por isso por parte dos responsáveis grande preocupação para garantir os ordenados e tentar conservar o valioso espólio bibliográfico e de produtos naturais, peças arqueológicas e raridades. Mas aqui surge a segunda grande dificuldade, que consiste na falta de espaço. Por isso, o panorama que ambos testemunham é a grande confusão e caos que persistem. É notório que faltavam salas e estantes para arrumar os livros provenientes das extintas casas religiosas, que por isso estão espalhados nas salas do Colégio do Espírito Santo.

Façamos aqui um parêntesis para referir que a arrecadação dos fundos bibliográficos dos mosteiros e conventos não decorreu com a normalidade e transparência que se exigia, e foi a nosso ver, muito mais desastrosa que a transferência dos fundos dos colégios dos jesuítas para a Mesa Censória, orientada por Frei Manuel do Cenáculo. Escrevia Paula Velez, bibliotecário da Biblioteca Pública de Évora em

1837, e a propósito do extravio de pinturas e livros: « De mais, sendo público pela imprensa, que em Londres se vendem pinturas etc. dos conventos extintos de Portugal, de que serve tal indagação?»⁶⁴. Segundo José Silvestre Ribeiro estavam arrumados em 1845, na Biblioteca Pública de Évora, mais de 5.000 livros, provenientes dos extintos conventos de eborenses. Mas as perdas devem ter sido muitas, não só em Évora como por todo o país como revela Paulo Barata.

Uma das razões que consideramos determinante, para a ineficácia e perdas ocorridas, reside no centralismo em que todo o processo assentou. Por um lado, já é muito discutível que o património mais valioso vá para as instituições culturais de Lisboa – onde como se sabe esses bens foram amontoados - e por outro o transporte e o acondicionamento de bens tão valiosos geram sempre dificuldade e custos acrescidos de última hora. Mas um dado estruturante do país era, e infelizmente continua a ser, a macrocefalia. Com efeito, desde a gloriosa época quinhentista que tudo corre para Lisboa, recursos humanos e materiais e como já escrevia um economista de finais do século XVIII, « quando todo o sangue vai para a cabeça, o mais provável é que o homem morra»⁶⁵. Faltou à elite governamental visão para compreender que as gentes de Évora ou Bragança eram capazes de salvaguardar e garantir o valioso património dos conventos e casas religiosas, bastava tão somente que lhe dessem leis e autoridade para o fazer.

O outro grande problema de funcionamento da Biblioteca de Évora, durante o consulado de Cunha Rivara e também de Filipe Simões, resultava da dificuldade em cumprir outra das finalidades previstas pelo fundador, e que residia na ideia de constituir uma biblioteca-museu. Como comprovam os relatórios, a biblioteca continuava a ter uma sala, a «Sala do museu», onde se encontravam o monetário, as colecções de produtos naturais, peças arqueológicas, e como diz Cunha Rivara mais de 5.000 volumes dobrados. Esta sala continuava a existir em 1865 e estava em grande desordem e confusão, porque faltavam armários para arrumar as colecções de « objectos de História Natural e curiosidades»⁶⁶. Portanto, o problema do espaço físico para colocação e conservação das espécimes era o principal obstáculo para um funcionamento normal.

⁶⁴ - Cit. in BARATA 2003, p. 154.

⁶⁵ - Frei José da Expectação, cit. in VAZ 2002, p. 217.

⁶⁶ - « Tudo isto se acha em desordem e confusão, e não há meio de as fazer cessar». SIMÕES 1865, cit. in ESPANCA, ob. cit. p. 242.

O inventário que Cunha Rivara faz das «necessidades da casa» contém cinco itens: o primeiro e o segundo referem-se aos fundos bibliográficos, considerando urgente para garantir a afluência do público a compra de obras modernas, e que nesse sentido se possa despendar a quantia anual de 150.000 réis. O terceiro refere-se a necessidade de aumentar o espaço, para acolher os fundos dos conventos, sugerindo a construção de mais salas nos terrenos dos Loios. O quarto, a contratação de um escriturário para ajudar o Bibliotecário na arrumação dos livros, continuação dos catálogos e a transladação de manuscritos deteriorados. No último item considera que se deve autorizar o Governo Civil e o Bibliotecário a venderem «os livros dobrados», para arranjar fundos para comprar obras modernas. Este elenco suscita-nos duas observações. A primeira é que a biblioteca como espaço público não constituía uma preocupação relevante para o zeloso Rivara, e a segunda que o seu conceito de livro nos parece enformado por uma perspectiva demasiado utilitarista, ou progressista. Ou seja, bons e úteis são os «livros modernos», porque atraem os leitores e ensinam as ciências, quanto aos velhos podem vender-se pois são um fardo, sobretudo quando repetidos⁶⁷.

Os números relativos aos leitores da Biblioteca Pública de Évora, e que constam do *Anuário Estatístico de Portugal*, que iniciou a sua publicação em 1875, não são animadores e demonstram como aquela exigência do Fundador não foi tomada na devida consideração. Na verdade, os dados para o estudo das bibliotecas públicas existentes e do seu movimento de leitura, em 1892, colocavam a Biblioteca de Évora nos lugares do fundo da tabela (apenas 619 leitores), atrás de bibliotecas como a de Santarém (763), do Liceu de Angra do Heroísmo (1433), a Pública de Ponta Delgada (1802), Pública de Braga (1266); isto para não falar das grandes bibliotecas, com as quais podia ombrear em termos de fundos bibliográficos: a da Universidade de Coimbra, a Municipal de Lisboa, a Municipal do Porto e a Biblioteca Nacional⁶⁸.

4- Considerações Finais

A fundação da Biblioteca Pública de Évora constitui um bom exemplo da bibliofilia de Frei Manuel do Cenáculo. Apesar de ter decorrido em conjuntura política

⁶⁷ - «Desta maneira se irão convertendo em suco e frutos de vida, os que aqui são ramos estéreis e mortos da árvore da ciência» Cunha RIVARA 1845, cit. in ESPANCA, ob. cit. p.231.

⁶⁸ - TORGAL e VARGUES 1998, p. 578 e ss.

marcada pela instabilidade e guerra, e por isso saqueada e vandalizada pelo exército francês em 1808, nela se reuniu o essencial da colecção do Arcebispo, que para nossa felicidade podemos utilizar. Trata-se efectivamente de uma acção verdadeiramente notável. Basta, por exemplo, comparar os números que já referimos com o de outras bibliotecas de prelados, ou mesmo de instituições. Neste último caso, e a título de exemplo, o Colégio dos Nobres, que tinha uma dotação financeira excepcional, possuía de acordo com o catálogo feito em 1829 uma biblioteca com 10.264 volumes. Se tomarmos como base fidedigna as palavras de Francisco Trigo⁶⁹, quando diz que a colecção de livros de Frei Manuel do Cenáculo ultrapassava os 100.000 – o que nos parece ser objectivo e não pecar por excesso – , então isto significa que durante sessenta e nove anos esta instituição juntou apenas 1/10 dos livros, que o Arcebispo de Évora conseguiu reunir, e apenas 1/5 dos que deixou à Biblioteca Pública de Évora⁷⁰.

Uma outra questão que se coloca, dada a dimensão que os números documentam, é a de saber onde foi o arcebispo de Évora buscar rendimentos para adquirir as suas colecções⁷¹. Cingindo-nos apenas aos livros, além das numerosas ofertas e da orientação dos fundos bibliográficos provenientes das livrarias jesuíticas, não restam dúvidas que Cenáculo gastou rios de dinheiro com a aquisição de muitos exemplares e que se empenhou para esse fim. Com efeito, está permanente endividado, sobretudo, por causa das esmolos, dos gastos com a instrução, criação de escolas e seminário em Beja, mas também por causa das muitas compras que faz para a sua colecção de livros. Para obter dinheiro, um dos expedientes a que recorreu foi o arrendamento ao negociante da praça de Lisboa, Gaspar Pessoa Tavares, de todos os frutos e rendimentos do seu Bispado de Beja, durante quatro anos (1792-1796), por oito contos de réis em cada ano⁷². Outro bom exemplo são as dívidas contraídas na casa de Francisco Palyarte, homem de negócio da praça de Lisboa, nos anos de 1783 e 1784. Tal como a correspondência documenta, Cenáculo levantou nesses anos a importância de 3.202.759 réis divididas em três prestações: uma primeira em Dezembro de 1783 de 1.055.658 réis, a segunda em Abril de 1784, de 1.609.972 réis e a terceira em Junho de 1784 de 1.077.129 réis. Ora essa dívida continuava sem qualquer pagamento passados

⁶⁹ - MORATO 1815, p. 49. cf. VAZ 2002, p. 310.

⁷⁰ - BNL, Cod. 7394, 1829.

⁷¹ - O próprio Cenáculo avaliou a colecção em 300 mil cruzados, BPE, Cod. C/2-18, 1811, fl. 8v.

⁷² - BPE, Cod. CXXX/2-19, 1771-1796, np.

vinete anos, em 1804, tal como o referido negociante aponta em carta, datada de 2 de Abril desse ano⁷³.

O outro expediente foi a aplicação do produto da décima eclesiástica. Como o comprovou a evolução dos acontecimentos, no dia 23 de Setembro de 1823, o Real Erário mandou sequestrar a Biblioteca e Museu de Évora, para tentar reaver a « dívida de 3.933.509 réis da décima eclesiástica, contraída no tempo do governo do Bispo de Beja »⁷⁴. Como se comprova para Frei Manuel, neste caso, os fins justificavam os meios. Para socorrer os pobres, e para instruir o clero e os diocesanos, tudo era legítimo, inclusive fugir ao fisco, porque o dinheiro que conseguisse juntar seria aplicado no combate à miséria e à ignorância; um investimento que, temos de o reconhecer, era efectivamente lucrativo e de progresso.

Entrando domínio da simbologia e da representação, na organização do espaço anotamos a coincidência de a sala de leitura se ordenar com 72 estantes, com onze prateleiras cada uma, números que nos remetem para os 72 discípulos, que Cristo enviou a pregar a boa-nova e para os onze que lhe permaneceram fiéis⁷⁵. Como o quadro que inicialmente foi colocado, no local onde hoje se encontra o do Fundador, foi o painel do Senhor entre os doutores, e no outro topo da sala o de Nossa Senhora, com o dístico *sed sapientia*, teríamos uma disposição toda ela remetendo para um espaço sagrado, o local da verdadeira sabedoria. Esta sabedoria que, de acordo com as ideias de Cenáculo, é a palavra de Deus, guardada no livro por excelência, a Bíblia e, que a seu modo todos os outros divulgam, seja abertamente, como as grandes obras de teologia dos Padres da Igreja, seja as obras dos filósofos modernos, porque também estes, põem a nu mais provas da existência de Deus. Consideramos, portanto, que a biblioteca e particularmente com a sala de leitura veicula uma imagem de verdadeiro local da sabedoria, um meio de aproximar o homem da verdade, ou seja de Deus.

Resta-nos perguntar se a magnífica biblioteca tem dado boa conta da valiosa

⁷³ - GUZMÃO, t. 2, p. 150 e ss.

⁷⁴ - BPE, Cod. C/ 2-18, 1811, fl. 17.

⁷⁵ - Referimo-nos à passagem do Evangelho de S. Lucas. CF. BÍBLIA 1995, LC. 10, 1-16. Apesar de esta ser ainda uma hipótese, a espera de mais dados que nos comprovem esta organização, não deixamos de a apresentar, tomando como referência os outros elementos apontados, que veiculam uma imagem de espaço sagrado. Por outro lado, temos insistido, em anteriores trabalhos, na importância que a leitura da Bíblia tinha para Frei Manuel do Cenáculo, como fonte de ensinamentos em todos os domínios, desde a pedagogia à Física.

herança e correspondido às finalidades apontadas pelo seu fundador. Sem pretendermos dar aqui uma resposta à questão, por exigir um estudo mais aprofundado, não resistimos a dar um exemplo que qualquer um dos leitores pode comprovar. Com efeito, se alguém quiser consultar uma obra do século XVIII, das muitas que existem na Biblioteca de Évora, tem de pesquisar num ficheiro, inserido em gavetas atafalhadas de fichas manuscritas, umas rasgadas, outras fora de ordem, e que só pelo seu sórdido aspecto são motivo para qualquer leigo desistir da pesquisa e se limitar a observar as lombadas dos valiosos livros das estantes. Não sabemos há quantos anos está em uso tal ficheiro, mas provavelmente há mais de cinquenta. Não sabemos também se a Biblioteca tem a exacta noção do número de volumes existentes, tudo leva a crer que não, e por isso estamos praticamente na mesma situação que o juiz do inventário *post mortem* de Frei Manuel do Cenáculo descreveu. Ou seja, a herança lá está mais ou menos enterrada e à espera que alguém acenda à luz para que todos possam usufruir dela.

Referências Bibliográficas

1- Manuscritos

Biblioteca Pública de Évora (BPE)

Cod. CX/2-18, *Cattalogo em forma de Inventario dos Livros q. o Emo, e Revmo. D. Joaquim X. Botelho de Lima Arcebispo Metropolitano de Evora deo na Instituição da Biblioteca Publica q. começou a formar no anno de 1796 com Bulla Pontificia de 30 de Agosto e Beneplacito Regio de 27 de Outubro do mesmo anno*, sd (1802?) fls. 50-58.

Cod. CXXVIII/2-16, [Documentos relativos à Mesa Censória], sec. XVIII, 35 docs.

Cod. CXXVIII/2-5, *Relação*, 1768-1777, fls. 56- 63v.

Cod. CXXVIII/1-13 [Cartas de Nicolau Pagliarini a D. Frei Manuel do Cenáculo], 1768-1795, fls. 397.

Cod- CXXIX/1-21, 1794-1812, [Diário de D. Frei Manuel do Cenáculo], fls. 290.

Cod. CXXX/2-19, [Documentos respeitantes à diocese de Beja], 1771-1796, np.

Cod. C/2-10, *Catalogo da Escritura Santa*, sd. fls. 104.

Cod. C/ 2-18, [Documentos sobre a Biblioteca Pública de Évora 1811-1839], *Provizão*, 1811, fls. 5.

Cod. C/2-11, Doc. n.º 3, *Relação das dispezas pertencentes à ultima, ou Segunda caza da Livraria principiadas em Julho de 1805, e fielmente copiadas do Livro de Lembranças do Sr. Lourenço Saraiva exp. p. 71, fls. 17-20.*

Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL)

MS 160, n.º 80-84, *Cartas de António Ribeiro dos Santos a D. Frei Manuel do Cenáculo.*

Cod. 7394, *Catálogo da Livraria do Real Colégio dos Nobres*, 1829.

Cod. 8549, *Miscellanea histórica. Escrita por José Anastácio da Costa Sá*, 1796-1800.

2- Impressos

BARATA, Paulo J. S., *Os Livros e o Liberalismo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2003.

Bíblia Sagrada, Lisboa, Difusora Bíblica, 1991.

CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CHARTIER, Roger, « Livres, Lecteurs, Lectures », *Le Monde des Lumières*, Paris: Aubier, 1999, p. 284-315.

DARNTON, Robert Darnton: *An Early Information Society*, 2000, in <http://www.indiana.edu/~ahr/darnton/texts/p03.html>.

DARNTON, Robert, « Historia de la lectura », *Formas de Hacer Historia*, ed. BURKE, Peter, Madrid, Alianza Editorial, 1994, (1ed. 1991).

DOMINGOS, Manuela, « Para a História da Biblioteca da Real Mesa Censória », *Revista da Biblioteca Nacional*, Lisboa, 27(1), 1992, pp. 137-158.

DOMINGOS, Manuela, *Livreiros de Setecentos*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000.

ESPANCA, Túlio, « Subsídios para a História da Biblioteca Pública de Évora », *Revista a cidade de Évora*, 63-64 (1981-1982), pp. 193-267.

GUERREIRO, J. Alcântara, *Galeria dos Prelados de Évora: Évora*, Grafica Eborense, 1971.

GUSMÃO, Alexandre Nobre de, *Catálogo da Correspondência dirigida a D. Frei Manuel do Cenáculo*, Évora, 1944-1948.

MACHADO, José Alberto, *Um coleccionador português do século das luzes*, Évora, Ciência e Vida, 1985.

MARCADÉ, Jacques, *Dom Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas. Évêque de Beja*,

Archevêque d'Evora (1770-1814), Paris, Fundação Calouste Gulbenkian - Centro Cultural Português, 1978.

MORATO, Francisco Trigoso de Aragão, « Elogio Histórico de D. Frei Manuel do Cenáculo», *História e Memória da Academia Real das Ciências*, Lisboa, Typografia da Academia, 1815, pp. 63-120.

NORONHA; José Feliciano de Castilho Barreto, *Relatório Acerca da Bibliotheca Nacional de Lisboa*, Lisboa: Typografia Lusitana, 1844.

PEREIRA, José Esteves Pereira, *O pensamento político em Portugal no Século XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1989.

RIBEIRO, José Silvestre, *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1871-1914 19 v.(19º v: *Apontamentos históricos sobre bibliotecas portuguesas, org. e antiloquiado por Alvaro Neves*, 1914.

RIVARA, Heliadoro da Cunha e MATOS, Joaquim António de Sousa Telles de, *Catalogo dos Manuscritos da Bibliotheca Publica Eborensis*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1850 -1871, 4 t.

SIMÕES, Augusto Filipe, *Escriptos Diversos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1888.

TORGAL e VARGUES, « Produção e Reprodução Cultural», in MATTOSO, *História de Portugal. O Liberalismo*. Cord. de TORGAL, Luís Reis e ROQUE, João Lourenço, Lisboa, Estampa, 1998.

VAZ, Francisco, « A cidade de Évora na vida e obra de Bento Farinha», *A Cidade de Évora*, 1996-1997, pp. 447-492.

VAZ, Francisco, «As Bibliotecas e os Livros na obra de D. Frei Manuel do Cenáculo», *La Memoria de Los Libros. Estudios sobre la historia del escrito y de la lectura en Europa y América*, pp. 483-498.

VAZ, Francisco, *Instrução e Economia. As ideias Económicas no discurso da Ilustração Portuguesa*, Lisboa, Colibri: 2002 .

VILLAS BOAS, Manuel do Cenáculo, *Disposições do Superior Provincial para observancia regular, e litteraria da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco destes reinos, feitos nos annos de mil setecentos e sessenta e nove e setenta*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1790.

VILLAS BOAS, Manuel do Cenáculo, *Instrução Pastoral sobre os Estudos Fysicos do Clero*, Lisboa, Regia Officina Typografica, 1786.

VILLAS BOAS, Manuel do Cenáculo, *Memorias historicas e Appendix segundo Á*

disposição quarta da collecção das disposições do Superior Provincial para a observancia, e estudos da congregação da ordem Terceira de S. Francisco, Lisboa, na Regia Officina Typografica, 1795.

VILLAS BOAS; Manuel do Cenáculo, *Cuidados Literários*, Lisboa, Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1791.